**RESISTIR AOS ATAQUES DO GOVERNO DILMA/LULA AOS SERVIDORES PÚBLICOS**

**Conjuntura Política Internacional**

1.O IX CONGREJUFE se realizará em meio a uma nova situação internacional marcada pela combinação de uma forte crise econômica, de uma situação permanente de Guerra em diversas regiões (principalmente na península arábica) e de desrespeito aos direitos humanos. Temos visto verdadeiros ataques aos direitos dos trabalhadores e da juventude em diversos países europeus, EUA e China, com estes países promovendo um verdadeiro retrocesso no nível de vida dos trabalhadores em todo o mundo.

2. Os EUA, ainda em crise econômica, seguem lutando para manter um patamar de crescimento que compense a queda da economia nos primeiros anos do mandato de Obama. Adota o mesmo remédio para sair da crise e tentar manter a sua hegemonia política e econômica usando todo seu aparato bélico-militar, desviando o uso das forças produtivas numa economia frágil, ainda em recuperação. Está claro que o desejado e propalado estado de bem-estar social está longe da realidade do povo americano que segue afetada pelos elementos estruturais da crise mundial. Parte do proletariado americano, completamente afetada pela crise, já até sonha com Bernie Sanders assumindo o timão e promovendo as mudanças sociais e democráticas por ele prometidas.

3. Já a China, carro-chefe da economia capitalista mundial, chegou a crescer até 13% em 2007 e 10,4% em 2010, e manteve o ritmo em patamares elevados até o ano de 2014. Já no ano passado (2015), o crescimento do PIB chinês girou em torno de 7% e está abaixo do esperado, a menor taxa anual para o país em 25 anos.

4. “A bolha da economia chinesa começou a estourar depois de vários anos de crescimento robusto. Agora, está virando uma bola de neve e levando a bolsa junto", analisa o professor de finanças Alexandre Cabral, para quem os sinais de que a China desacelerava surgiram desde o ano de 2014.

5. Jason Vieira, economista-chefe da Infinity Asset Management, afirma que a avaliação feita no mercado é de que a China nunca mais voltará a crescer a taxas ao redor de 10% ao ano por conta das fortes alterações macroeconômicas realizadas no país.

1. Já a União Europeia tampouco se recuperou da crise econômica anterior. Há fortes desigualdade entre os países da região. Mas o continente está, em grande parte, mergulhado na crise que envolve a fuga em massa de imigrantes da Síria e outras regiões em conflito, que adentram as fronteiras do continente, gerando reação dos governos e manifestações contra e pró o recebimento dos refugiados.
2. Na América Latina, o Brasil e Venezuela são os dois únicos países a apresentar uma persistente retração do PIB, segundo projeções da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) – agência da Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com o órgão, o Brasil terá uma retração de 3,5% em sua economia no presente ano de 2016, enquanto a Venezuela apresentará a maior retração da economia mundial com a queda do PIB beirando os 6%.

**Conjuntura Política Nacional**

8. O Congresso da FENAJUFE, sem dúvida alguma, será realizado em meio a uma situação política econômica de crise sem precedentes em nosso País, com a crise econômica, política e social já instalada e sem perspectiva de findar-se. A previsão de crescimento do PIB brasileiro para este ano de 2016 é de 3,5% negativos. É o segundo país com pior perspectiva de crescimento na economia mundial.

9. A despeito de a crise econômica ser internacional, o Brasil mergulhou numa recessão que ainda chega a ser pior. Não há um prognóstico otimista de retomada do crescimento, tanto pelo governo quanto pelos agentes econômicos. Os reflexos da crise econômica internacional devem se fazer sentir no Brasil por um período longo e inimaginável.

10. O Brasil, ao contrário dos outros países emergentes, deixou de ser uma das rotas preferenciais de investimento dos capitalistas. Apesar das taxas de juros serem as mais elevadas do planeta, não há segurança no retorno dos investimentos.

1. Talvez, a forte desaceleração chinesa esteja impactando fortemente na nossa economia, com a queda vertiginosa das transações comerciais entre os dois países.

12. No Brasil os impactos da crise econômica são visíveis e sentidos pela classe média e setores mais precarizados da classe trabalhadora, com destaque para o crescimento do desemprego. Mas a crise econômica também pode ser expressa sob outros ângulos de análise, com um recuo nítido na produção de algumas regiões específicas em decorrência do processo de desindustrialização. Tal processo provoca um efeito cascata e se materializa no fechamento de diversas empresas.

13. Os reflexos da desorganização da produção, combinado com alta da inflação, subida dos preços das tarifas públicas, no endividamento das famílias, no aumento da inadimplência, nos levam ao estabelecimento de uma crise social que se intensifica, aumentando os casos de opressão e preconceito ao povo pobre da periferia que estão, mais do que nunca, desamparados pelo Estado.

14. O diagnóstico para sair da crise não é novo. Mais uma vez, a resposta das empresas e dos governos, a começar pelo governo federal, é a imposição dos custos dessa crise à classe trabalhadora. Os planos de ajuste fiscal, a continuidade do pagamento da dívida pública em detrimento dos direitos sociais, os ataques aos direitos trabalhistas, o arrocho salarial e os cortes nos orçamentos públicos. A MP 257, recentemente editada, e diversos projetos de lei em tramitação no Legislativo são parte dessa ofensiva contra a nossa classe (em especial os servidores públicos). Essa, inclusive, é a receita comum de todas as principais variantes políticas da classe dominante disponíveis no momento, seja o PT, PSDB, PMDB, turma do Bolsonaro e etc.

15. O cenário é crítico, no entanto, não nos parece que há espaços políticos bem definidos para as lutas se amadurecerem. Em alguns casos, os trabalhadores estão protagonizando importantes lutas de resistência, como é o caso dos servidores do Poder Judiciário e Ministério Público da União que já estão há quase 10 anos sem revisão dos planos de carreira e fizeram uma greve histórica no ano de 2015. Há, também, a luta de outros setores organizados em defesa do emprego, como exemplo, podemos citar a luta dos trabalhadores das montadoras de veículos e outras categorias de servidores públicos federais. As lutas, no entanto, ainda são muito restritas e dispersas necessitando de amadurecimento para uma real ruptura de massas com esse governo do PT e seu braço direito nos sindicatos: a pelega CUT.

16. É neste contexto que devemos inserir na análise conjuntural o papel nefasto das direções governistas e da burocracia sindical. Quando estes lacaios não conseguem impedir a eclosão das lutas, trabalham conscientemente pela sua divisão. Foi o que ocorreu ao longo desse último período com as greves heroicas, apesar de isoladas, dos servidores públicos federais estaduais, dos bancários e trabalhadores dos correios. Além disso, a burocracia da CUT vem fechando acordos rebaixados ao invés de lutar contra a deterioração salarial. Tudo isso para preservar a imagem política do governo Dilma que eles já definiram como mais importante que a luta para preservar os direitos da classe trabalhadora.

17. Há um nítido processo de burocratização sindical em curso que não podemos ignorar. A complacência das centrais sindicais pelegas – Força Sindical e CUT - com o projeto político de desmonte do Estado é visível e têm procurado blindar o governo Dilma justamente no momento em que os ataques a nossa classe são maiores. O governo Dilma , descaradamente, deposita todo o ônus da crise econômica nas costas dos trabalhadores. Uma prova disso é a recente edição da já supracitada Medida Provisória 257/2016.

18. É importante insistir que não é somente nos setores organizados da classe trabalhadora que se vê uma incipiente resistência. Há, também, pequenos focos de mobilizações populares, na cidade e no campo, e dentre elas podemos destacar a luta dos ativistas do Movimento Resistência Popular – MRP (dissidência do MTST em Brasília) e ocupações no campo em São Paulo (Barretos, Bauru, São Carlos). As lutas diretas, no Brasil, entretanto, carecem de mais engajamento, maior planejamento, organização e mobilidade a fim de alcançar melhores resultados. Não há reforma agrária e nem urbana sem o protagonismo dos lutadores.

19. Em meio a uma ofensiva brutal do latifúndio, do governo e Congresso contra o povo indígena, segue muito forte a resistência dos Guaranis kaiowás no Mato Grosso do Sul.

20. Em São Paulo houve uma forte luta contra o fechamento das escolas estaduais pelo governador Alckmin (PSDB) bem como contra o aumento das tarifas de ônibus com uma grande participação dos estudantes.

21. É importante destacar, ainda, que nos últimos meses do ano passado tivemos grandes manifestações das mulheres no Rio e em São Paulo, além de outras capitais, com forte composição popular, estudantil e de trabalhadoras. A luta se deu contra o PL 5069, do corrupto Eduardo Cunha, que limita o acesso das mulheres ao direito legal de abortar, em casos de estupro, dificultando o acesso à pílula do dia seguinte e criminalizando os profissionais da saúde. Destacamos, nesses atos, com muita importância o protagonismo de vanguarda das mulheres, muitas delas jovens, pobres e negras.

22. Há, portanto, um quadro de mobilizações que não pode ser desprezado em nossas análises e debates. Não só os servidores do PJU e MPU estão sendo vítimas da politica econômica perversa desse desgoverno do PT. O cenário é de caos institucional generalizado. Nesse sentido, a omissão da cúpula do Poder Judiciário e Ministério Público, doravante no aspecto de representatividade institucional é gritante e não tem precedentes na história da Republica. A cúpula do Poder Judiciário está completamente entregue aos projetos e devaneios do Poder Executivo. Está claro a relação de dependência política entre esses senhores notadamente em função das indicações em listas tríplices, quíntuplas, sêxtuplas, etc.

23. Já quanto ao Poder Legislativo, a situação não é diferente. O governo Dilma usa e abusa de todos os recursos fisiológicos para ter o Congresso Nacional atado e submisso ao seu projeto político de ataque ao serviço público. Nesse contexto, os ministérios viraram moeda de troca. Ademais, no último período tivemos diversas investidas conservadoras e reacionárias do Congresso Nacional, cabendo destacar o avanço da tramitação da reforma política que restringe o espaço dos partidos de esquerda, bem como o debate sobre a lei antiterror que busca criminalizar ainda mais os movimentos sociais e o exercício do direito de greve (interditos proibitórios). Há um nítido endurecimento na repressão e criminalização da classe média, dos ativistas e da população pobre.

24. O cenário atual é de imensa instabilidade política e econômica. Na ordem do dia temos os setores tradicionais da burguesia com forte crise de representatividade política. A negação aos partidos políticos é uma realidade fácil de ser constatada. De um lado segue em pauta o impeachment do governo Dilma e a cassação do reacionário Eduardo Cunha. E de outro lado, no campo estrutural (macroeconomia), temos a economia nacional apresentando sucessivos recuos em sua atividade produtiva. Nesse cenário, já se vê parte expressiva da sociedade civil organizada obcecada e engajada nas ruas a fim de dar um basta no governo Dilma e sua política econômica. Mas, não se enganem, não só o PT vive dias difíceis e outros segmentos políticos envolvidos com a corrupção também estão sob o olhar desconfiado e crítico da sociedade brasileira.

25. Por fim, fica claro que o governo Dilma passa por uma crise política sem precedentes e a possibilidade real de sua queda está cada vez mais próxima. Não sabemos se a queda desse governo se dará pela via institucional (impeachment) ou pelas lutas organizadas nas ruas contra a sua perversa política econômica. A classe trabalhadora tem que ser parte ativa desse processo. Os servidores do PJU/MPU não podem ficar de fora dessa batalha, afinal, somos vítimas do arrocho salarial desse governo. Torna-se evidente a necessidade da construção de um campo classista, dos servidores públicos e trabalhadores de setores precarizados contra o desmantelamento do Estado. Os sindicatos da Fenajufe devem convocar a categoria para ir às ruas derrotar a política anti-popular de Dilma/Lula.

26. Contra o arrocho salarial do governo Dilma-PT;

27. Fora Dilma/Temer e Renan-PMDB, Aécio-PSDB;

28. Pelo “Fora Cunha!”;

29. Abaixo o ajuste fiscal e a Agenda Brasil! Que os ricos paguem pela crise;

30. Por uma alternativa classista, dos Trabalhadores e dos lutadores!

1. Pela estabilidade no emprego e redução da jornada sem redução salarial!

32. Não às reformas da Previdência! Em defesa da previdência pública!

33 Fim das privatizações e reestatização das empresas privatizadas!

34. Exigimos o fim da corrupção, prisão e confisco dos bens de corruptos e corruptores!

35. Abaixo essa reforma política orquestrada pelos grandes partidos políticos!

36. Contra a redução da maioridade penal!

37. Não ao PL 5069! Pela descriminalização e legalização do aborto!

38. Não à PEC 215 que ataca o povo indígena! Pela demarcação das terras indígenas e em defesa da causa dos quilombolas!

39. Contra a lei anti-terrorismo! Desenvolver uma campanha contra essa ofensiva e pelo fim da violência e da criminalização dos ativistas e do povo pobre.

**Delegados proponentes:**

**Eldo Luiz Pereira de Abreu**

**Fernando Assis de Freitas**

**Celisa Laureano Prata Cardoso**

**Hamilton Alves Nery**

**Luiz Fernando Alves Lacerda**

**Milca Célia Gusmão**

**Luiz Rosa Teles**

**Renata Moraes Rios**

**Daniela da Silva Pontual Machado**

**Edinaldo Gomes da Silva**

**Marco Antônio Vieira Scarpati**

**Luiz Fernando Alves**